

## **RESENHA**

GAMWELL, Lynn & SOLMS, Mark. *Da Neurologia à Psicanálise. Desenhos neurológicos e diagramas de mente por Sigmund Freud*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

**Gleisson Roberto Schmidt**

Mestrando em Filosofia - PUCPR.

Memória: Freud se ocupou, do começo ao fim, com a natureza da memória. Para ele, a afasia era uma espécie de esquecimento e as disfunções da memória eram centrais na histeria, levando-o a sua conhecida afirmação de que “os histéricos sofrem de reminiscências”. Conduzido por suas observações, ele enfatizará que a força da memória é um processo dinâmico, transformador e reorganizador, *ad infinitum*, da formação da identidade do sujeito, no curso de sua vida.

“Memória e comemoração acerca da vida e da obra de Sigmund Freud, fundador da psicanálise”, foram as motivações principais que deram vida à obra *Da Neurologia à Psicanálise. Desenhos neurológicos e diagramas da mente por Sigmund Freud*, organizada pela psicanalista Jassanan Amoroso Dias Pastore, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e editora da Revista *Ide: psicanálise e cultura*, publicação daquela instituição. Seu intuito foi tornar acessível aos psicanalistas brasileiros o texto, de dupla autoria, de Lynn Gamwell, diretora do Museu de Arte da Universidade de Binghamton, e Mark Solms, psicanalista e diretor do Centro Arnold Pfeffer de Neuropsicanálise do Instituto Psicanalítico de Nova York.

Lynn Gamwell foi curadora da exposição que dá nome à obra, realizada na New York Academy of Medicine, de 6 de maio a 26 de agosto de 2006, e no Binghamton University Art Museum da State University of New York, de 8 de setembro a 8 de outubro de 2006. A exposição, que reuniu cerca de oitenta manuscritos, desenhos de células – particularmente, de células nervosas - e diagramas da mente esboçados por Freud. Entre ícones famosos na psicanálise e imagens pouco conhecidas e raramente vistas, seus originais se encontram distribuídos nos acervos do Museu Freud, em Londres, na Biblioteca do Congresso, em Washington, na Academia de Medicina de Nova York e na coleção de Bruce Sklarew, em Maryland. Retrata em suas imagens a pouco conhecida trajetória neurológica de Freud, precursora de sua obra psicanalítica. Ademais, como afirma Claudio Rossi, psicanalista e atual presidente da Federação Brasileira de Psicanálise em seu prefácio, põe em evidência algumas características da personalidade daquele autor, bem como sua intensa ligação com a pesquisa biológica e médica. Esta ligação, afirma Rossi, precedeu suas descobertas psicanalíticas e até o fim da vida foram uma referência para o seu pensamento (p. 15). Sua dedicação de mais de uma década à neuroanatomia e à clínica e teoria neurológicas lançou os alicerces sobre os quais ele pôde construir o edifício da psicanálise.

Os comentários de Lynn Gamwell e Mark Solms deixam claro que Freud fez contribuições originais e importantes naqueles campos, válidas até hoje. Ao lado de Ernst Brücke, seu professor de fisiologia em Viena, Freud pesquisou o sistema nervoso da lampreia - um peixe primitivo -, em particular um aglomerado de células ao redor da medula espinhal, bem como o do lagostim, um invertebrado. A partir de tais pesquisas, Freud identifica os precursores das células da lampreia em sua forma larval e demonstra que eles são homólogos às células dos gânglios espinhais posteriores de peixes de espécies superiores. Mostra também, ao contrário do que se pensava até então, que os componentes do sistema nervoso dos invertebrados são morfológicamente idênticos aos dos vertebrados, concluindo que não eram os elementos celulares que diferiam os animais primitivos dos avançados, mas sua *organização* – idéia que herda reminiscências em sua querela contra o localizacionismo e, no limite, na teoria neuronal presente no *Projeto de uma Psicologia* de 1895.

Organizada a partir da edição norte-americana, publicada em cooperação pelo Museu de Arte da Universidade Binghamton, pelo Centro Arnold Pfeffer de Neuropsicanálise e pela Associação Psicanalítica Americana em comemoração sesquicentenário de nascimento de Freud (6 de maio de 1856), a publicação brasileira traz, além dos esboços e diagramas de Freud comentados em detalhe por Mark Solms, o texto de Gamwell “O papel dos desenhos científicos na pesquisa durante o século XIX e início do século XX”. Nele, a autora retrata os métodos e costumes dos cientistas do século XIX – entre os quais, o próprio Freud. Descreve as vicissitudes e paradoxos que ele teve que enfrentar para poder dirigir suas pesquisas para um objeto tão fugidivo quanto a alma humana.

Este, afinal, provou-se ser seu principal campo de interesse. Ao graduar-se em medicina, em 1881, Freud já deixa transparecer seu interesse pela neurologia clínica, ao mesmo tempo que dá continuidade à sua pesquisa em anatomia, agora com o exame do sistema nervoso humano. Como destaca Jassanan Dias Pastore, na sua etapa inicial – os primeiros registros datam de 1876, quando Freud, aos 20 anos, era acadêmico de medicina em Viena – “ligados à neurobiologia, os desenhos documentam suas observações ao microscópio. No período seguinte, em que faz o salto do corpo para o psiquismo, eles transformam-se em *diagramas* – traduções visuais de suas intuições teóricas” (p. 13).

Assim como os cientistas do século XIX, Freud via os detalhes – fibras nervosas, núcleos celulares - dos tecidos orgânicos sobre os quais se debruçava por meio da luz transmitida através do tecido transparente colorido com corantes artificiais ao microscópio de lentes acromáticas. Via, assim, silhuetas de corpos coloridos em destaque. Seus primeiros desenhos são testemunhos dessa fase: esboços de formas totais, achatadas, dentro das quais as relações entre as diversas partes eram delineadas. Como os demais, Freud usava o microscópio porque seu objetivo não era capturar a aparência exata de suas amostras, e sim chamar a atenção para os detalhes por eles escolhidos e retratados dentro de um esboço esquemático.

Naquela época, os cientistas também usavam diagramas para ajudá-los a formular hipóteses sobre aquilo que não conseguiam ver. Uma década após ter desenhado suas primeiras células, encontramos Freud diagramando processos mentais de maneira puramente especulativa, já que não dispunha de ferramentas para observar o presumido substrato físico dos mesmos. Embalado pelo espírito científico embebido do idealismo alemão, ele usava seus diagramas para guiar sua pesquisa e antecipar um efeito que era passível de ser observado. Seus desenhos testemunham o abandono das tentativas de diagramar a estrutura fisiológica subjacente às funções mentais complexas que tinham escolhido como objeto, como os distúrbios de linguagem e memória. Vemo-lo, assim, produzindo imagens esquemáticas de estruturas psicológicas hipotéticas.

Nem poderia ser diferente. Na trajetória que vai do artigo sobre a histeria, de 1888, até a “fórmula fisiopatológica da histeria” descrita em *Quelques considérations pour une étude comparative des paralysies motrices organiques et hystériques*, de 1893, assistimos o rompimento gradual de Freud com as teses do localizacionismo mental, que teve em Broca, Meynert, Wernicke e, de forma muito mais elaborada, em John Hughlings-Jackson e Charcot, seus defensores. Em oposição a essa visão linear e mecânica da relação cérebro e mente – o tecido nervoso constituiria um depósito de representações oriundas da experiência, os *engramas*, de cuja vivacidade residual e acesso pelo “olho interno” da consciência dependeria o fenômeno da memória, e cuja lesão responderia como causa dos diferentes tipos de afasias e paralisias histéricas – Freud propõe um modelo funcional. Substitui a noção de *localização* pela noção dinâmica de *processo*. As funções psicológicas, que desde o *Projeto* de 1895 passam a ocupar toda sua atenção, deixam de ser concebidas como resultado da ação compartimentada de áreas anatomicamente delimitadas do córtex cerebral e passam a ser atribuídas a processos globais que envolvem regiões anatômicas muito diversas (até mesmo

a totalidade do córtex), dinamicamente integradas pelo fluxo da excitação nervosa ao longo de suas vias de condução internas.

Em todas estas teorizações transparece não apenas a capacidade dedutiva de Freud, mas também todo o cabedal de influências que marcaram sua carreira acadêmica: do meio acadêmico germânico, a familiaridade com as questões concernentes à psique humana, inspirada na teoria do conhecimento subjacente ao idealismo kantiano; de Brentano, sua predileção pelos empiristas; de sua estada em Paris, a inspiração charcotiana no desenvolvimento de uma teoria funcional da mente; de Helmholtz, via Brücke, a busca por equilíbrio entre especulação teórica e dados de observação.

Na seqüência da obra, os comentários de Solms dos 46 desenhos e diagramas de Freud põem em relevo aspectos das imagens e inventariam as descobertas feitas por Freud na histologia e na neurologia que permanecem válidas até hoje. Evidenciam assim seu caráter de pesquisador competente e produtivo: Freud observava, descrevia e desenhava seus objetos de pesquisa com grande meticulosidade, conhecia o método científico e era capaz de empregá-lo com mestria.

Há, segundo Solms, uma evidente progressão nos desenhos. O primeiro grupo, que data de 1876, retrata em detalhes meticulosos a morfologia de estruturas anatômicas específicas, como as gônadas da enguia, os neurônios da espinha da lampreia e as vias fibrosas do cérebro humano. Os últimos desenhos, de 1933 – quatro anos antes de sua morte, quando já contava com 83 anos de idade –, em contraste, são retratações diagramáticas de abstrações como o “eu”, o “supereu” e o “id”, entidades conceituais sem existência tangível no mundo físico. Essa progressão coincide com a conhecida mudança na carreira científica de Freud, quando se afastou de suas pesquisas iniciais em histologia e anatomia, passou pela neuropatologia e neurologia clínica até desembocar em seus trabalhos de neuropsicologia e psicanálise.

Essa mudança, da neurociência para a psicanálise, coincidiu com uma alteração de seu *status* como cientista. Não que isso o tenha deixado numa situação confortável: ele mesmo confessa, em *Um estudo autobiográfico* (1925), o desejo de ter de volta a confortável respeitabilidade do início da carreira: “À distância, no laboratório de fisiologia de Brücke, eu encontrava descanso e plena satisfação – e homens, também, que eu podia respeitar e tomar como modelos (...)” (p. 30).

Mas o que o levou a essa transição? Certamente não o abandono da ciência, já que até o fim de sua produção Freud sustentara que a psicanálise era uma ciência natural como as demais – ao menos no que diz respeito a seus objetivos e métodos. O que mudou foi a natureza do objeto de seu interesse: uma vez que as forças químico-físicas inerentes à matéria não podiam ser usadas para explicar os aspectos mentais do organismo, o psicanalista teve que “pressupor novas forças iguais em dignidade àquelas físico-químicas” (p. 30) ao voltar sua atenção para a mente. É a isso, afirma Solms, que se reduz sua transição da anatomia para a psicanálise. Para este autor, tal transição apresenta, por isso, mais elos que divisões entre as duas fases do trabalho científico de Freud.

Seus primeiros estudos histológicos, da enguia, da lampreia e do lagostim (figuras 1 a 21) são tentativas de discernir detalhes morfológicos pequenos demais para serem vistos a olho nu. Munido do microscópio de Hartnack, Freud podia visualizar células individuais 520 vezes maiores do que são realmente. Na fase seguinte encontramos estudos anatômicos do tronco cerebral humano (ilustrações 22 a 29). Freud quis traçar os caminhos seguidos por feixes nervosos especiais e identificar os núcleos nos quais eles terminam. Para tanto, adotou o método pioneiro do colega Paul Flechsig, por meio do qual traçou feixes de cérebros de fetos relativamente não desenvolvidos – o que tornava a tarefa significativamente mais simples. Depois fez o mesmo em espécimes maduros.

Traçar a miríade de feixes que se interconectam no cérebro serve ao propósito de inferir o que as suas diferentes partes fazem. Esse é o objetivo da *neuroanatomia funcional*,

ponto mais alto do trabalho anatômico de Freud. Nele, assume grande importância o fato de que as funções cerebrais não podem ser vistas: elas têm de ser *deduzidas*; falta-lhes a possibilidade de serem observadas diretamente, pois são *dinâmicas*, existindo somente no decorrer do tempo, já que envolvem processos. Além disso, Freud não estava interessado em funções fisiológicas simples; seu foco foi, durante bom tempo, aquela função que é uma das mais complexas do cérebro humano: a *linguagem*, uma função tipicamente “psicológica”. Só isso já prenuncia a dificuldade do trabalho. Os estudos de Freud nessa área (ilustrações 30-31) são estudos tipicamente neuropsicológicos. A esse respeito afirma Solms:

A transição de figuras representacionais para diagramas abstratos que tais fatos demandaram pode ser seguida, passo a passo, nos desenhos de Freud. Eles deixam absolutamente evidente que a mudança da neurologia para a psicologia não foi ontológica; Freud sempre se preocupou com o mesmo assunto básico – a saber, como o cérebro funciona. De fato, a mudança de ênfase de estrutura para função ocorreu muito antes de ele desenvolver a psicanálise, enquanto ainda era um neurocientista em sua totalidade (p. 32).

A transição ulterior, da *neuropsicologia* para a *metapsicologia*, pode ser verificada nas ilustrações 32 a 39, que incluem uma série de diagramas endereçados a Fliess (entre eles, excertos do manuscrito do *Projeto de uma psicologia*, imagens 32 a 35). Como nos trabalhos sobre a neuropsicologia da linguagem, Freud tentava, nessa época, inferir os arranjos neurais que produzem outras funções mentais complexas. Contudo, surgiu neste momento um fator complicador: os fenômenos clínicos, diferentemente dos distúrbios de linguagem, não eram causados por lesões estruturais do cérebro. Portanto, a única forma pela qual ele poderia inferir tais mecanismos era a observação clínica, o que levou Freud, relutantemente, a abandonar o terreno neurocientífico convencional e ingressar no domínio psicanalítico propriamente dito.

Porém, destaca Solms, uma comparação entre os pontos terminais de ambas as fases (o desenho nº 39, uma descrição esquemática das relações funcionais entre sistemas de neurônios, última ilustração neuropsicológica, e o nº 40, primeira representação diagramática de Freud do aparelho mental como entidade puramente psicológica) revela que muito pouco havia mudado. Os desenhos são quase idênticos; os sistemas de neurônios foram meramente renomeados como “sistemas mentais”; os desenhos ainda retratam o mesmo fenômeno: a sucessão de mudanças que têm lugar durante o processamento dos estímulos à medida que eles caminham do terminal perceptual para o terminal motor do aparelho. Freud transporta para o método psicanalítico os mesmos objetivos da ciência em geral: estender, ao máximo, a capacidade de observação de nossos sentidos (tanto da percepção externa quanto interna) com vistas a fornecer a base mais profunda possível para fazer inferências sobre funções subjacentes que não podem jamais ser diretamente observadas.

Transitoriedade das descobertas, provisoriedade dos conceitos, rigor no método (seja ele observacional ou clínico), modéstia em suas pretensões: tais características, essenciais para a ciência em geral, são o que, para Solms, faz de Freud um cientista em sentido estrito. E seus desenhos testemunham a direção por ele assumida em sua trajetória produtiva.

Os comentários de Solms ajudam, então, a esclarecer o lugar de Freud na história da ciência, não apenas na história da psicanálise. Mas algo mais deve ser observado: a relevância artística que os diagramas de Freud adquiriram na história da arte, num sentido que, escreve a organizadora da obra, “é nosso e que seria alheio a Freud e ininteligível para ele” (p. 13): seus desenhos estão hoje mais próximos da arte do que na época em que foram produzidos – em especial, segundo o crítico de arte Luis Camnitzer, os diagramas. Afinal, tais desenhos, inexistentes na época, testemunham o início do estudo das origens psicológicas não observáveis dos transtornos psíquicos e sua conseqüente aceitação, ocupando um lugar especial dentro do universo artístico, na medida em que expandem as

fronteiras do conhecimento. Isto, escreve Jassanan Dias Pastore, “sem a intenção do autor, os aproxima da arte” (p. 13).

De importância essencial para todo pesquisador da história e teoria psicanalíticas, *Da Neurologia à Psicanálise. Desenhos neurológicos e diagramas da mente* constitui uma obra de referência para aquele leitor que deseja conhecer a fundo o contexto biográfico, teórico e científico no qual nasceu aquela disciplina que marcou profundamente o pensamento e a sociedade contemporâneos – a psicanálise.

Recebido em 23/11/2009.

Aprovado em 14/12/2009.